

RABINO YOSEF BITTON



DECIFRANDO A CRIAÇÃO DA VIDA

OS DINOSSAUROS E A BÍBLIA



TRADUÇÃO: DAVID GORODOVITS

DECIFRANDO A CRIAÇÃO DA VIDA

Copyright © 2017 by Yosef Bitton

Direitos reservados à

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

Tel.: 3826-1366 Fax: 3826-4508 sefer@sefer.com.br

Livraria virtual: **www.sefer.com.br**

Tradução:	David Gorodovits
Secretaria gráfica	Ilana Fridlin Sobel
Revisão e edição final:	Jairo Fridlin
Editoração eletrônica:	Editora Sêfer
Texto hebraico:	Sami Artur Mandelbaum
Capa:	Ivo Minkovicius
Impressão e Acabamento:	Sumago Gráfica

Nota: Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se o “CH” para o som de RR, como caRRo em português.

Para contatar o autor: rabbibitton@yahoo.com

אסתר ורמיה נביל ידית

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora Sêfer.

2017

ISBN 978-85-7931-071-3

Printed in Brazil

Índice

INTRODUÇÃO	9
Capítulo I	
A TERRA ANTES DA VIDA	15
Capítulo 2	
VIDA EX AQUA	31
Capítulo 3	
A CRIAÇÃO DA VIDA	53
Capítulo 4	
A PROCRIAÇÃO DA VIDA	79
Capítulo 5	
A ORIGEM DA VIDA SEGUNDO A CIÊNCIA	97

INTRODUÇÃO

Em meu livro anterior – *Decifrando a Criação* –, abordei o tema do início do Universo por meio da análise dos três primeiros versículos do Gênesis.

O primeiro deles (Gênesis 1:1) descreve a criação do Universo e de um planeta singular chamado Terra, uma obra de Deus, o Criador, que o fez existir a partir do nada.

No segundo versículo (Gênesis 1:2), a Torá nos relata como era esse recém-criado planeta, informando que a Terra estava desabitada, tal qual o planeta Marte, isto é, sem qualquer tipo de vida, seja humana ou animal, e nele imperava a escuridão, pois, devido a alguma razão – talvez a existência de uma atmosfera similar à do planeta Vênus –, a luz solar não podia alcançá-lo. Somos informados também que nele existia um elemento fundamental que o diferenciava de qualquer planeta do sistema solar e provavelmente dos outros sistemas galácticos: água em estado líquido. Aliás, muita água, tanta que nem sequer existia terra firme, já que os oceanos primitivos cobriam totalmente a superfície da terra.

Outro elemento constante do inventário deste planeta era o vento, projetado pelo Criador como um dos instrumentos que iria utilizar no desenvolvimento de Sua obra.

O terceiro versículo (Gênesis 1:3) se refere à criação da luz que, de acordo com a maioria dos Sábios do Talmud, seria a luz solar. De uma forma não explicitamente descrita na Torá, Deus faz com que ela penetre na atmosfera terrestre e ilumine a superfície do planeta.

O texto bíblico continua até o versículo 20 narrando o que Deus criou para utilizar na transformação da Terra, a fim de prepará-la para poder sustentar as vidas animal e humana.

Este relato nos é apresentado na forma característica dos textos da Bíblia Hebraica: sucinta e precisa.

De certa forma, este livro é uma continuação do já citado *Decifrando a Criação*, e também nele nos concentraremos na análise de três versículos bíblicos: Gênesis 1:20, 1:21 e 1:22. Eles apresentam uma nova etapa na história da Criação, a saber: a criação da vida.

No versículo 1:20 do Gênesis, a Torá descreve o mandato Divino que determina o surgimento da vida. Como em todos os atos da Criação, excetuando o primeiro, Deus utiliza um “agente” – neste caso, a água –, ao qual ordena a produção de uma nova Criação. Assim, quando Ele cria a vegetação, em Gênesis 1:11, ordena à terra que faça surgir as plantas e as árvores. Já no versículo 1:20 supracitado, Deus ordena à água que faça surgir os primeiros seres vivos, sendo preciso determinar numa análise mais detalhada que tipo de animais foram então criados, uma vez que, como sabemos, existiu uma segunda criação de animais durante o sexto dia.

O versículo 1:21 do Gênesis descreve a origem da vida animal que, tal como virá a acontecer na criação do ser humano, se dará em duas etapas. A primeira se constituirá na criação do corpo, e ela não está explicitamente indicada nos versículos 1:20 e 1:21. A segunda está descrita na Torá através de um verbo reservado para um tipo especial de Criação sem “agentes” intermediários: *bará*, que indica uma criação *ex nihilo*. Neste versículo analisaremos o registro bíblico dos dinossauros.

O versículo 22 do capítulo 1 nos indica que a geração da vida a partir do nada deveria ocorrer somente uma única vez. Nele,

a morte não é mencionada e, logo após a criação da vida, a Torá indica como o Criador estabeleceu um mecanismo para que a vida dos seres que Ele criou tenha continuidade: a bênção da reprodução.

No primeiro capítulo do Gênesis, encontramos dois tipos de criação: (1) as que são unívocas e cujos eventos não se repetem. Os exemplos são a criação da matéria no versículo 1:1, o surgimento da terra firme no terceiro dia e a colocação do Sol e da Lua no quarto dia. São criações que começam e terminam em um dia determinado; (2) as que dão início a um ciclo que prosseguirá numa sequência de acontecimentos “naturais”. Exemplo disto é a criação do ciclo das águas (evaporação, precipitação) que teve início no segundo dia e continuou a ocorrer permanentemente. Outro exemplo é a criação das plantas com suas sementes, que assegurarão sua perpétua reprodução, e a dos animais, aos quais o Criador concedeu a bênção da reprodução sexual.

Estas são as principais ideias que nos são apresentadas nos três versículos que descrevem a origem da vida.



Neste livro faremos também uma comparação entre o relato bíblico da origem da vida e o que a Ciência diz sobre este tema, sem que, ao estabelecer esta comparação, nossa visão seja apologética.

Ciência e Torá emanam de pontos de partida completamente diferentes. O da Bíblia assume que Deus é o Criador do mundo. Já a Ciência moderna não admite um ato de Criação, embora não possa provar que isto não tenha ocorrido.

Nosso ponto de partida é a afirmação de que Deus é o Criador do Universo e da vida. Embora consideremos que os avanços

científicos possam nos ajudar a compreender melhor o texto bíblico, admitimos que encontrar uma compatibilidade total entre as duas posturas, além de não ser uma tarefa fácil, não é nosso propósito. O Rabino Samuel David Luzzatto (Itália, 1800-1865), também conhecido pelo acrônimo Shadal, assim escreve na introdução de seu comentário sobre a Torá:

“A intenção da Torá não é a de nos prover de informações científicas ou de detalhes que pertencem ao campo das ciências naturais, mas sim, de orientar nossos corações nos caminhos da justiça e da retidão, e fortalecer no espírito dos seres humanos a fé na unidade de Deus e a certeza de Sua intervenção nos assuntos humanos (*hashgachá*).”

A Torá não foi entregue somente a pessoas de alto nível intelectual, mas a todos os seres humanos e, da mesma forma, ela não expôs o tema da recompensa e do castigo sob uma forma filosófica ou sofisticada, mas sim, numa linguagem acessível a todos, mesmo que isto tenha conduzido por vezes a um antropomorfismo, como acontece no versículo 6:6 do Gênesis: “E o Eterno Se arrependeu de ter feito o homem na Terra, e isto pesou em Seu coração.” A narração da criação do mundo não está escrita de forma filosófica ou científica. Os nossos sábios explicam que “é impossível revelar os mecanismos da Criação do Mundo a um ser humano”. Assim sendo, não é pertinente considerar as palavras da Torá fora de seu contexto a fim de torná-las compatíveis com as teorias atuais das ciências naturais.

Um estudioso da Torá não deve dar ensejo a que se questione a origem Divina da Torá pelo fato de constar em seu texto algo incompatível com o conhecimento atual da Ciência. Seria praze-

roso demonstrar que as afirmações da Ciência sobre o início do nosso planeta são totalmente compatíveis com o que a Torá nos ensina sobre esse tema. Afinal, a Torá e a Criação são duas obras do mesmo Autor. Entretanto, é preciso lembrar que o ponto de partida dos cientistas é a afirmação da autocriação do Universo e, assim sendo, suas divergências com o relato bíblico não são conciliáveis. Porém, se tomarmos como ponto de partida o ato da Criação tal como é narrado na Torá e como é definido pela tradição rabínica, não nos parece haver nesta narração, em termos gerais, qualquer afirmação incompatível com o atual conhecimento científico.

Quero deixar claro que, diferentemente de alguns outros estudiosos judeus que se ocuparam do tema, não busco ajustar o texto bíblico ou sua compreensão ao atual estágio de conhecimento da Ciência.

Muitos citarão o Maimônides (Rabino Moshe ben Maimon, Espanha/Egito, 1135-1204) e sua aparente tendência a reinterpretar o primeiro versículo da Torá para que o relato da Criação bíblica se tornasse compatível com a ideia aristotélica do Universo eterno e com a ideia platônica da uma matéria preexistente. Estes esforços exegéticos talvez se justificassem se estivéssemos lidando com um conhecimento científico sólido e irrefutável. Isto, porém, não ocorre nos campos da Cosmologia e Biologia Evolutiva, nos quais é preciso lidar com rochas e ossos, que são interpretados de forma subjetiva, aberta ao debate e exposta ao progresso, sendo que as teorias daí derivadas evoluíram notavelmente nos últimos anos, havendo ainda indicações de que vão continuar evoluindo e se transformando continuamente.

Um exemplo desta afirmação, apresentado em meu livro *Decifrando a Criação*, foi a aceitação, após 25 séculos de negação, de que o Cosmos não é eterno, ao ter sido apresentado um novo en-

tendimento, verdadeiramente revolucionário de que o Universo teve um momento inicial ao qual denominaram *Big Bang*.

Durante 2500 anos, muitas pessoas que professavam a fé bíblica – judeus e gentios – insistiam, certamente com boas intenções, que era preciso reavaliar suas crenças e aceitar que a Torá, que começa postulando o início do Universo, deveria ser reinterpretada à luz das “modernas teorias científicas”. O passar do tempo mostrou a veracidade do relato bíblico. As duas obras do Criador, a Criação e a Torá, não coincidiam, neste caso, por não haver exatidão na observação que os astrônomos faziam do Universo e, conseqüentemente, não se aperceberem de sua constante expansão.

Talvez possamos hoje, se reinterpretarmos o texto bíblico, obter algum tipo de resposta para muitos outros desencontros entre a Ciência moderna e a religião. Porém, seria provavelmente um trabalho vão ante a eventual evolução da Ciência, que poderia vir a mostrar a nossos filhos ou netos novas respostas que, estas sim, coincidiriam com o relato bíblico e que, até então, não havíamos conseguido perceber.

A TERRA ANTES DA VIDA

Gênesis 1:1

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ:

No princípio criou Deus os céus e a terra.

No primeiro ato da Criação, o Eterno criou os céus e a terra. A palavra “céus” (*shamáyim*) descreve o Universo de uma forma geral – o gigantesco Cosmos com seus bilhões de galáxias. Não contido no termo “céus”, porém dentro do mesmo ato de Criação, o Eterno criou também um corpo celeste muito especial: o planeta Terra (*árets*).

Neste primeiro versículo não há detalhes sobre este planeta único nem se explica a razão para ele ser mencionado de forma independente do resto do Universo. O que o torna diferente do resto dos “céus” será o tema do versículo seguinte.

Gênesis 1:2

וְהָאָרֶץ הִיְתָה תְּהוֹם וְחָשֶׁךְ עַל־פְּנֵי תְּהוֹם
וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל־פְּנֵי הַמַּיִם:

Mas a terra era desolada e desabitada, e havia escuridão sobre a face dos oceanos primitivos, e um vento Divino soprava sobre a face da água.

A partir deste segundo versículo, a Torá se concentrou exclusivamente no que acontece na Terra, começando por apresentar

seu inventário inicial. Com exceção do nosso sistema solar, o resto do Universo – “os céus” – permanecerá como foi criado. O texto bíblico não mais se referiu a ele porque não foi recondicionado para abrigar a vida, como ocorrerá com nosso planeta.

O versículo 2 menciona elementos que foram criados em nosso excepcional planeta. A Terra é descrita inicialmente como “desolada e desabitada” (*tôhu vavôhu*). Essas duas palavras indicam que a narração da história da criação do planeta Terra começa tendo em mente um desenvolvimento e um fim, já que o resultado final do processo será a aparição dos seres vivos. A Terra estava destinada a ser um lugar cheio de vida, e é por isto que, inicialmente, se destaca que ela estava desolada. A seguir, a Torá continua explicando o porquê: pois o nosso planeta ainda não continha os elementos necessários para sustentar a vida. A atmosfera da Terra era similar à de Vênus, tóxica e hostil (*chóshech*). Entretanto, essa atmosfera tóxica escondia um elemento essencial para a vida: a água líquida. Esse elemento ainda não era chamado por seu nome habitual *iâm* (mar), mas sim *tehóm* (águas primitivas), para indicar que as águas da terra ainda não estavam estruturadas como uma entidade organizada.

Isto viria a ocorrer no terceiro dia da Criação, quando o Criador transformou as águas primitivas (*tehóm*) em mares e oceanos. As águas do *tehóm* que cobriam a terra ainda não dispunham de correntes marítimas nem estavam expostas aos benefícios da luz solar. Sem Sol, sem ar e sem algas, a vida marinha ainda não existia.

Embora os primeiros seres vivos viessem a ser criados a partir da água, sua presença abundante, neste momento, cobrindo por completo a face do planeta, era mais um impedimento para a existência das formas complexas de vida (mamíferos e seres

humanos). Entretanto, essas águas salobras cobriam a Terra por uma razão – constituíam a matéria-prima que Deus utilizaria para criar dois dos elementos mais necessários para a manutenção da vida: a atmosfera da Terra e a água doce.

O versículo menciona também o “vento” (*ráach*). Diferentemente da água, que é um elemento passivo, o vento é um instrumento ativo que o Eterno utilizará para modificar o planeta na primeira fase de sua criação. Outra diferença é que, pelo que sabemos, a água líquida só existe em nosso planeta, enquanto o vento existe em outras estrelas e planetas – no Sol, em Vênus, Marte etc.

Mas o vento da Terra tinha características únicas. Ele se converteu num instrumento vital na transformação que o Eterno realizou no planeta. Utilizando o vento, Deus criou o sistema climático, que permitiu uma distribuição homogênea do calor solar e produziu a temperatura necessária para a água se manter em estado líquido, beneficiando a vida. Com o vento, o Todo-Poderoso produziu o ciclo das águas, no qual a precipitação é a fonte de água doce, um dos elementos mais críticos para a existência da vida. O Eterno utilizou também o vento para, no terceiro dia, separar a terra das águas, criando os continentes e os oceanos.

O vento foi utilizado, também, para produzir os próximos passos da Criação. É por isto que a Torá chama este vento de *ráach Elohim* (vento Divino), vento que atua atendendo a mandatos do Eterno.

Por extensão, entendemos que todos os demais instrumentos da Criação, que atuavam como agentes do Eterno (*malachim*), não o faziam por vontade própria, mas por Sua determinação. Isto significa que, no Gênesis, não existe o conceito de “natureza” como um ente independente.

Gênesis 1:3

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהי־אֹר וַיְהי־אֹר:

E Deus disse: “Seja luz.” E foi luz.

Enquanto o vento soprava sobre as águas primitivas de um planeta obscuro, o Criador produziu a luz. O texto bíblico não diz que Deus “criou” a luz. O verbo *bará* (criou) está cuidadosamente reservado para ser utilizado em pouquíssimas ocasiões – quando algo completamente novo é criado, independente de qualquer outra coisa já criada anteriormente. É diferente de outros verbos como, por exemplo, *iehi* (*lihiót*), que indica uma transformação ou uma criação a partir de algo preexistente.

Embora alguns Sábios* do Talmud opinem em contrário, a maioria deles explicou que a luz mencionada nesse versículo é a do Sol. Eles explicam que o Sol foi criado durante o primeiro ato da Criação (Gênesis 1:1). Isto significa que neste versículo o Eterno está ordenando que, de alguma forma, a luz do Sol penetre pela densa atmosfera (*chóshech*) e ilumine o novo planeta.

Gênesis 1:4

וַיַּרְא אֱלֹהִים אֶת־הָאֹר כִּי־טוֹב וַיַּבְדֵּל אֱלֹהִים
בֵּין הָאֹר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ:

E Deus viu que a luz era boa, e Deus separou entre a luz e a escuridão.

* Quando menciono “Sábios” com a letra S maiúscula, estou me referindo aos Sábios conhecidos em hebraico como *Chazal*. Eles são os Sábios do período talmúdico, entre 10 e 500 e.c. Eles foram os autores e protagonistas da *Mishná*, da *Guemará* e do *Midrash*. Esses Sábios representam a clássica tradição normativa judaica, que inclui a Lei Judaica, as doutrinas judaicas e a exegese bíblica.

Então, Deus distinguiu a luz da escuridão, a noite do dia. Embora nada seja explicitamente mencionado a esse respeito, é provável que isto tenha ocorrido devido ao estabelecimento da órbita da Terra ao redor do Sol. A luz solar, portanto, passou a iluminar a superfície do planeta, fazendo distinção entre o dia e a noite. Sob um ponto de vista mais profundo, é possível que este versículo esteja descrevendo o estabelecimento das leis físicas fundamentais da luz, a matéria mais elementar do Universo, algumas das quais deixam os cientistas perplexos até hoje.

Gênesis 1:5

וַיִּקְרָא אֱלֹהִים | לְאֹרֶךְ יוֹם וּלְחֹשֶׁךְ קָרָא לַיְלָה
וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם אֶחָד:

E Deus chamou à luz Dia e à escuridão chamou Noite. E foi tarde e foi manhã, dia um.

A transição entre o dia e a noite produziu em nosso planeta um relógio astronômico natural, ou seja, um instrumento para medir o tempo. O conceito de “um dia” é uma antecipação do que viremos a encontrar no final do processo da Criação: a vida inteligente.

O tempo, ou melhor, a medição do tempo, é uma abstração completamente desnecessária para as formas de vida simples e para a maioria dos animais. É, porém, fundamental para a vida inteligente, dotada da consciência da mortalidade e da capacidade de captar o progresso do tempo até tal mortalidade. Para os seres conscientes, a vida é o tempo decorrido entre o nascimento e a morte, e a Torá parece sugerir que ele deva ser medido desta forma – um dia de cada vez.

Gênesis 1:6

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי רָקִיעַ בְּתוֹךְ הַמַּיִם וַיְהִי מִבְּדֵיל
בֵּין מַיִם לַמַּיִם:

E Deus disse: “Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas!”

No segundo dia, Deus dividiu as águas para criar um tipo diferente de água: a água doce – o mais precioso elixir em todo o Universo e o principal sustento de todas as formas de vida. O texto bíblico, fiel à sua brevidade, não nos proporciona muitos detalhes acerca desta separação. A descrição não é científica, porém visual, fenomenológica. A expansão – “os céus” – vai dividir visualmente as águas de baixo – os oceanos e mares – das águas de cima – as nuvens e a chuva.

Gênesis 1:7

וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת-הָרָקִיעַ וַיְבַדֵּל בֵּין הַמַּיִם אֲשֶׁר
מִתַּחַת לָרָקִיעַ וּבֵין הַמַּיִם אֲשֶׁר מֵעַל לָרָקִיעַ
וַיְהִי-כֵן:

E Deus fez a expansão; e separou entre as águas debaixo da expansão e as águas de cima da expansão. E foi assim.

Deus criou a atmosfera terrestre, o que incluiu, entre outras coisas, o processo de evaporação da água, denominado no texto bíblico de “divisão das águas”. Este processo incluiu a formação das nuvens, chamadas com incrível precisão de “águas sobre os céus”, e o começo da produção da água doce.

Durante o segundo dia, Deus formou o sistema climático. É importante notar que os três elementos que constituem este sis-